

Mesa 3. Aos 90 anos de Roberto DaMatta. Depoimentos.

Maria Laura Cavalcanti

Vou chamar para compor a nossa mesa de homenagens, que será seguida das palavras de Roberto DaMatta, os queridos Simon Schwartzman, Ruben Oliven (nos falará on-line desde Porto Alegre), Peter Fry e Yvonne Maggie.

Simon Schwartzman

É um prazer muito grande estar aqui, poder participar deste evento, desta homenagem a Roberto. Queria lembrar que, talvez ele não se lembre, nós tínhamos o "clube do Rolex": éramos três pessoas que usávamos Rolex e brincávamos que éramos as melhores pessoas do mundo por causa disso. Depois o Rolex foi roubado — o dele e o meu; a terceira pessoa eu não me lembro quem era —, e o clube se desfez. Mas acho que representava uma certa aspiração de que íamos desempenhar um papel especial nas ciências sociais. Roberto certamente desempenhou esse papel.

Estou aqui, creio, porque, quando o livro saiu, gostei muito e, na época, escrevi uma resenha do livro publicada no jornal "O Estado de S. Paulo", em 1979. Reli agora o que havia escrito. A resenha se chamava "O Permanente e o Temporário". A questão era que eu entendia o que Roberto colocava no livro como uma análise da sociedade brasileira e de suas contradições, e de características culturais que, para mim, vindo da ciência política, a gente nunca sabia tratar muito bem. Era uma sociedade apresentada em contraste com o que seria uma sociedade mais moderna, mais desenvolvida, onde não se encontrariam essas hierarquias, esses ritos como a distinção hierárquica entre indivíduo e pessoa, tudo aquilo que ele descreve e que Maria Laura nos mostrou muito bem, e que é a essência do livro.

Eu lia ali, naquela época, uma crítica à sociedade brasileira, contrastada com o ideal de uma sociedade em que as relações não fossem tão hierárquicas, em que não houvesse tanta subordinação, em que as relações sociais não fossem tão pessoais, mas mais impessoais, no sentido em que a sociologia fala do valor daquilo que a pessoa adquire, e não daquilo que ela traz por sua origem. Sociedades onde vale a pessoa, não a sua origem, como dizia Roberto na frase que ficou famosa: "Você sabe com quem está falando? Porque eu sou fulano de tal, da família tal, tenho o nome tal." Eu via em seu livro um contraste entre uma sociedade com uma série de problemas que apareciam ali, e um certo ideal que, olhando para os países da Europa, para os Estados Unidos, a gente gostaria de um dia alcançar. No artigo, eu fazia uma crítica ao livro de Roberto: elogiava muito, como era o caso, mas dizia que ele falava do permanente sem propor como se evoluiria daquela situação descrita para uma situação mais desejável.

Hoje, relendo, acho que eu estava errado, e acho que ele tinha razão. As coisas não mudaram; o permanente dele era muito mais permanente do que eu supunha, ou do que eu gostaria que fosse. Além disso, quando olhamos hoje para o mundo mais desenvolvido, vemos que ele não era tão ideal quanto achávamos naquela época. Achávamos que os Estados Unidos eram uma sociedade organizada de acordo com o "*rule of law*", e olhamos para lá hoje e o *rule of law*

desapareceu; o poder individual sozinho não era o que valia ali, valia o que as pessoas conseguiam pelo desempenho etc. Mas tivemos ali o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais desigual. Enfim, penso hoje que essa visão que Roberto trouxe para o Brasil se aplica muito mais universalmente do que achávamos então. Não era só uma característica do nosso desenvolvimento, é uma característica muito mais genérica e ampla. Esse é um valor do livro que vejo, e que seria importante recuperar neste novo momento.

Outro ponto que eu gostaria de comentar: quando ouço aqui, sobre o carnaval, a questão da bateria e toda essa apresentação que vimos até agora, fico pensando que há no livro uma valorização de características da cultura brasileira que não foi o que eu li em 1979. Naquela leitura, o que vi foi uma crítica a uma sociedade hierárquica, autoritária, em que existem manifestações que, de alguma maneira, se contrapõem a isso como resposta. Penso que o que aconteceu depois desta crítica, é que esse aspecto se transformou numa espécie de valorização, ou até um certo culto, de uma série de características da sociedade que, na época, eram vistas de forma muito mais crítica. Faço essa observação sem saber se é uma percepção válida. Hoje penso que, de alguma maneira, essa descoberta da cultura, do popular, do carnaval, é um ganho importante, comparado com uma sociedade que olhava isso com certo desprezo, e agora passa a valorizar. Mas creio também que temos de voltar a pensar nos aspectos negativos que muitas dessas coisas trazem consigo, o que me parece ter sido parte da inspiração original do trabalho de Roberto.

Enfim, esse era o comentário que eu queria fazer. "Carnavais, Malandros e Heróis" teve um impacto muito grande, uma duração muito grande, importante e invejável para quem está nas ciências sociais. Vemos como é possível fazer um trabalho de impacto tão grande. Creio que temos de retomar essa discussão, essas ideias, e pensar como elas se colocam na realidade que vivemos hoje. É isso. Queria aproveitar para agradecer o convite para participar e transmitir a Roberto um grande abraço.

Ruben Oliven. Roberto damatta, 90 anos de dedicação à antropologia e aos amigos

Queria, em primeiro lugar, agradecer a Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti por este convite. É uma honra estar nesta homenagem pelos 90 anos do nosso querido Roberto e uma alegria estar na companhia de pessoas tão simpáticas como Maria Laura, Simon Schwartzman, Yvonne Maggie e Peter Fry, além de outras que também estão participando.

Não vou fazer uma análise da obra de Roberto; gostaria de começar contando como o conheci. Encontrei-o em 1973, quando coordenou um evento no Museu Nacional para avaliar os cursos de pós-graduação em ciências sociais. Fui convidado porque estava criando o Curso de Especialização em Antropologia de Sociedades Complexas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que depois deu origem ao nosso programa de pós-graduação. Para mim, foi um evento muito importante, porque conheci ali pessoas que nunca tinha encontrado

pessoalmente, como Roque de Barros Laraia e Sílvio Coelho dos Santos. Roberto já era uma pessoa importante — coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional e ex-chefe do departamento — e me recebeu com carinho, me deixou muito à vontade e, desde então, mantivemos uma longa relação que perdura até hoje.

Das várias coisas que já foram ditas sobre Roberto, há uma que considero fundamental: ele começa pesquisando sociedades indígenas e depois resolve adentrar o estudo de sociedades complexas e dar o salto para analisar o Brasil. O que hoje talvez seja relativamente mais comum entre antropólogos brasileiros, naquela época era extremamente ousado e, de certa forma, é por isso que a antropologia brasileira é respeitada internacionalmente. Roberto ajudou a fazer com que a antropologia — conhecida até então como uma ciência que estudava praticamente apenas povos indígenas ou religiões afro-brasileiras — passasse a pensar o Brasil e a analisar os mais variados aspectos da sociedade brasileira. Se olharmos hoje para o que os antropólogos estudam e em que desenvolvem dissertações e teses, veremos que praticamente cobrem todas as áreas do comportamento social e cultural. Roberto certamente foi uma das pessoas, talvez a primeira, a impulsionar isso, estudando o Brasil a partir de suas margens, de coisas às quais ninguém dava importância, consideradas exóticas, “perfumarias” — e mostrando como são importantes. Sua obra se caracteriza justamente por abordar temas sobre os quais ninguém havia pensado e que são muito reveladores. “Você Sabe com Quem Está Falando?” é talvez o exemplo mais conhecido, no qual ele compara o Brasil aos Estados Unidos. Concordo com Simon em que essa comparação ficou mais complexa hoje, por causa das mudanças pelas quais os Estados Unidos vêm passando, mas, de qualquer maneira, ele mostrou como isso pode ser feito e, mais do que isso, levou a antropologia a um público mais amplo — fez com que ela dialogasse tanto tematicamente quanto por meio de jornais e da televisão.

É significativo que Roberto tenha construído uma carreira acadêmica muito importante na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional, e, ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, na Universidade de Notre Dame. Criou também outra coisa: a comparação — mostrar que o Brasil é uma sociedade complexa, mas que, para entendê-la, é importante compará-la a outras, e os Estados Unidos certamente são um país de referência. É uma sociedade muito diferente, mas que, ao mesmo tempo, tem muito em comum com o Brasil: foi colonizada por europeus que encontraram populações indígenas, que trouxeram escravizados, que receberam imigrantes, que passaram por processos de urbanização e industrialização. Ele mostra semelhanças e, ao mesmo tempo, aponta diferenças, chegando ao que ele chama de dilema da sociedade brasileira.

Mas, mais do que abordar a obra dele, que várias pessoas já comentaram,, queria falar um pouco sobre Roberto como pessoa. Roberto é alguém extremamente afetivo; os seres humanos com quem se relaciona são sempre pessoas, nunca indivíduos, e ele sabe cultivar a amizade como ninguém. Gostaria de relatar um episódio que vivemos juntos há vários anos: fomos convidados a participar, em Pamplona, na Espanha, dos chamados “Festivales de Navarra”, um

grande evento que reunia acadêmicos, mas também pessoas ligadas ao mundo empresarial. No meio do festival, justamente no dia do aniversário dele, resolveram fazer um jantar e excluíram as pessoas ligadas à área cultural, entre elas Roberto e eu. Achamos aquilo uma grosseria, mas resolvemos comemorar o aniversário dele de uma maneira fantástica, entre amigos. Estávamos ele, Celeste, eu e minha mulher. E percebemos que, muito mais do que participar de grandes eventos e banquetes, estar junto com os amigos e cultivar esse vínculo é o que realmente vale.

Gostaria de concluir dizendo que Roberto, além de ter desenvolvido trabalhos muito importantes, é uma pessoa que cultivou pessoas — seus colegas, seus orientandos, seus amigos e todos os que tiveram o privilégio de conviver com ele. Longa vida a Roberto e um grande abraço, meu amigo. Muito obrigado.

Peter Fry

Começo também agradecendo a Maria Laura o convite e a honra de falar um pouco nesta homenagem aos 90 anos de Roberto. Estas são palavras de um brasileiro "trans": falo português com sotaque. Celebrar a vida de um amigo, de um antropólogo, apenas cinco anos mais velho do que eu, traz seus problemas, sobretudo nessa situação de brasileiro "trans", porque me sinto um pouco mais sentimental do que quando era apenas inglês. Mas é, sobretudo, uma oportunidade de falar de um amigo que muito admiro.

Conheço Roberto desde 1970, não é, Roberto? Quando cheguei a Campinas, na Unicamp, o diretor do Instituto de Ciências Humanas, Fausto Castilho, e depois Manuel Berlinck, acharam que era preciso trazer Roberto para dar aulas lá. Ele veio, conversamos (ele vai se lembrar disso), mas, infelizmente para nós, resolveu ficar no Rio de Janeiro, e então tivemos que inventar um programa do zero, em Campinas, eu, Antônio Augusto Arantes e Verena Stolcke. Naquela época, havia antropólogos dispersos pelo Brasil: Eduardo Galvão em Belém, Gilberto Freyre e René Ribeiro em Recife, Thales de Azevedo pontificando na Bahia, com Agostinho da Silva também, e Sílvio Coelho dos Santos em Santa Catarina, entre outros. Mas a antropologia era dispersa entre indivíduos, em pequenos gabinetes, e havia apenas dois programas de pós-graduação, do Museu Nacional e da Universidade de São Paulo; o de Campinas veio depois. Era uma disciplina que ocupava um nicho pequenininho, poucas pessoas, todo mundo se conhecia. Quando ressuscitamos a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1974, fui procurar e descobri que havia 28 sócios; na reunião em Santa Catarina, havia 179 não sócios inscritos, 207 no total. Comparem com hoje: são 1.300 sócios da ABA, e mais milhares de pessoas que assistem às reuniões. São dois mundos. Poderíamos especular sobre as razões desse crescimento. Tenho algumas ideias, mas não há tempo agora. Mas quero apenas constatar que Roberto é, em grande parte, corresponsável por essa expansão da antropologia no Brasil, e teve importância imensa através da televisão, de suas falas em geral, e, mais tarde, até hoje, como colunista regular, às quartas-feiras, no "Estadão".

Na década de 1960, quando Roberto se forma, e eu também, a antropologia, no mundo inteiro, estudava sociedades ágrafas, "primitivas", sociedades que não éramos "nós". Na minha formação antropológica, na Inglaterra, quase não havia

estudos sobre a própria Inglaterra. Uma exceção: Audrey Richards, que havia escrito um trabalho monumental sobre os bamba da Zâmbia, "Land, Labour and Diet". Ela descrevia aquela sociedade matrilinear africana e na Inglaterra mais tarde estudava a família. Mais perto de casa, havia algo sobre o sul da Europa — entre o exotismo da África ágrafa e a "grande" Inglaterra, que ainda não merecia ser estudada: havia Jean Cutileiro, escrevendo sobre Portugal, e Julian Pitt-Rivers, sobre a Espanha. Em geral, falava-se "na minha tribo", clichê da época. Como todo clichê, tinha seu quê de verdade: a pesquisa nas sociedades ditas primitivas iluminava a nossa própria sociedade, e vice-versa. Estou tentando escrever sobre minha juventude agora, e descobri que minha relação com o tio materno não é muito diferente da descrita por Radcliffe-Brown sobre o sul da África: uma relação jocosa, simpática. Já a relação com meu pai era muito difícil. Isso porque o sucesso do filho implica, de certa forma, a "morte" do pai, numa sociedade com viés patrilinear como era a Inglaterra, o que já não é mais.

Mas o que acontecia naquela época é que os antropólogos que se tornaram grandes antropólogos acabaram também olhando para a própria sociedade — Edmund Leach foi um, Max Gluckman outro, e o faziam por meio de palestras na BBC, as chamadas Reith Lectures. Minha orientadora, Mary Douglas, que fez pesquisa numa pequena sociedade no meio do que hoje é o Congo, também falou sobre nós mesmos. Seu livro "Pureza e Perigo" foi o que a tornou conhecida, e foi a primeira coisa que consegui traduzir quando cheguei no Brasil. Nos Estados Unidos, Margaret Mead escreveu sobre sexualidade e gênero a partir de sua pesquisa no Pacífico. Ruth Benedict, a mais ambiciosa, escreveu sobre o caráter nacional de sociedades inteiras. Mas, na Inglaterra, não havia nada disso. Às vezes penso que Margareth Mead escrevendo sobre o Japão é como o antropólogo que olha para a aldeia, só que a aldeia é muito maior.

Mas você, Roberto, fez muito mais do que isso. Você se deslocou entre três campos de pesquisa: começou em Niterói — menino, não sei se conheceu Manaus pelos pais e avós, mas conhece Niterói e fez pesquisa lá —, depois foi para os Apinajé, voltou para Niterói e para o Museu Nacional, adentrando o sistema universitário brasileiro — outro campo de pesquisa —, e depois foi para os Estados Unidos, onde foi orientado por David Maybury-Lewis: uma dose dos Estados Unidos, uma dose da Inglaterra, da Índia, do próprio David. E depois foi para South Bend, onde fica a Universidade de Notre Dame: mais uma observação participante, como se diz em antropologia. Ouvindo Maria Laura falar, é fantástico perceber que você já pensava nisso antes de escrever sobre os Apinajé, já se preocupava com uma compreensão do Brasil antes mesmo de terminar sua tese de doutorado. Isso eu não sabia. E, nas suas pesquisas nos Estados Unidos, você se tornou também um pouco americano "trans", como eu me sinto um pouco brasileiro "trans". E quem sabe disso é quem o ouve cantando "My Way".

Então, como Margaret Mead, você estudou aspectos do Brasil — o carnaval, "Você Sabe com Quem Está Falando?" —, mas era muito mais ambicioso: como Ruth Benedict, quis resolver o problema, o dilema brasileiro, o que faz o Brasil, Brasil. E você nunca parou.

E quanta conversa isso produz, poderíamos passar horas, não, Simon?, falando sobre as ideias que você levanta, as disputas que produzem, as discussões sempre fecundas. Acho que essa é a marca da sua importância: a possibilidade de ter vários pontos de vista e várias maneiras de apreciar. Você seguiu a tradição de partir da sua pesquisa, longe de Niterói, para voos cada vez mais amplos; refinou essa maneira de ser antropólogo até brilhar ainda mais, uma inspiração para mim, certamente. Tenho uma imensa gratidão pela amizade que temos, e gratidão pela sua antropologia, que tanto me fez e me faz pensar. "Diga-me com quem andas e te direi quem és". Tenho orgulho disso. Mas, Roberto, como você, eu não consigo deixar de ser antropólogo nunca, e cada coisa que acontece eu fico imaginando como vou...

Queria terminar com uma pergunta, Roberto, inspirada no seu trabalho sobre futebol, no qual você contempla o fato de ser este um universo em que, supostamente, imperam as leis, iguais para todos.

Nesta última Copa do Mundo, o grande centroavante americano Balogun, que parece um orixá, filho de nigerianos, recebeu cartão vermelho de um juiz brasileiro. O presidente dos Estados Unidos fala com o presidente da FIFA, queixando-se de que o cartão não era merecido. No dia seguinte, a FIFA recua e retira o cartão vermelho, e Balogun volta a jogar pelo time dos Estados Unidos. Depois de tudo que você escreveu sobre as regras universais no futebol, em contraste com "Você Sabe com Quem Está Falando?", eu esperava muita fúria no Brasil — mas não houve; talvez alguma "boca pequena", mas nada além disso. Mesmo assim, se eu fosse presidente, acho que diria alguma coisa. Parece que até no futebol admitimos uma certa legitimidade da prevalência dos interesses e das relações pessoais sobre as regras do jogo. Mas essa é uma pergunta para você, se tiver paciência de me responder. É isso. Muito obrigado por tudo.

Yvonne Maggie

Boa tarde para todo mundo. Quero agradecer a Maria Laura o esforço para produzir este seminário, e por ter me chamado. Na verdade, pedi para ser a última, porque sabia que os outros falariam muito mais sobre Roberto, embora eu tenha sido a pessoa que mais tempo esteve junto dele. Conheci Roberto assim que entrei no Museu Nacional. Quando entrei, ele ainda estava em Harvard, mas acompanhei sua volta como orientanda. Ele veio com aquele diploma de Harvard, que até hoje está no escritório dele, escrito em latim, trazendo para a antropologia dos trópicos um sopro de ar fresco. Minha visão, portanto, é a de uma ex-aluna, ex-orientanda, que presenciou a mudança da antropologia a partir do que ele dizia — e ele dizia coisas que produziram grandes amizades, como a minha, e, também, rivalidades ferrenhas, como sabemos. Naquele tempo, a disputa era muito forte: você tinha que estudar o campesinato, embora quase não houvesse mais camponeses, ou tinha que estudar os trabalhadores.

Roberto chegou com a antropologia britânica, trazendo Max Gluckman, Mary Douglas e Victor Turner. Escolhi Roberto como orientador porque fiz um curso com ele em que se pensava livremente — líamos Victor Turner, líamos Durkheim, alguma

coisa de Marx, porque era preciso ler, mas as ideias borbulhavam, e podíamos discutir. Depois desse curso, decidi fazer minha pesquisa sobre a umbanda, uma ideia que eu já trazia, e me aproximei dele com certa timidez, porque aquele professor que vinha de Harvard, trazendo essa boa nova; da antropologia social inglesa, do estruturalismo de Lévi-Strauss, de Louis Dumont, de todas essas correntes que fervilhavam na Europa e nos Estados Unidos e que, aqui no Brasil, ficavam num cantinho.

Eu vinha da Universidade Federal do Rio de Janeiro que estava entrando em mudança. As cátedras haviam acabado, mas a antropologia ainda era a antropologia dos gabinetes, aquelas salas empoeiradas, com esqueletos para estudar os ossos. Roberto apresentou a nós, estudantes, uma nova maneira de pensar, de escrever e de pesquisar, a partir da crença de que é possível entender o outro – algo muito forte – e descrevê-lo; foi o que ele chamou de “O ofício do etnólogo; ou como ter *antropological blues*”. Foi um chamado, do meu ponto de vista, quase surreal, alegre. Eu não precisava ficar citando Marx e Althusser; fazia grupos de estudo com pessoas que sabiam alemão para ler esses autores na língua original. As aulas de Roberto e sua atuação na vida pública me fizeram sair daquele lugar de opressão intelectual e pensar que era possível escrever sobre coisas muito complexas de forma simples. Quando li o artigo sobre a “Panema”, publicado na revista *L’Homme*, como Maria Laura contou, com a ousadia de um antropólogo jovem que enviou o artigo à revista, de Claude Lévi-Strauss, eu pensei: “temos uma nova antropologia, e temos uma nova liderança”. Porque você, Roberto, não só dava aula, criou uma coleção de Antropologia na Editora Vozes e editou vários livros.

Foram livros fundamentais, porque havia pouquíssima literatura de antropologia em português no Brasil. Aliás, havia poucos livros no Brasil em geral; era preciso correr para a biblioteca francesa ou comprar na livraria Leonardo Da Vinci, no centro da cidade, sendo o primeiro a chegar quando o livro chegava ao Brasil. Com Roberto, se publicaram Edmund Leach, Victor Turner, Max Gluckman, na língua de Camões, tornando essa antropologia acessível a um público brasileiro que tinha pouquíssima oportunidade de ler esses clássicos.

Assim, com seu jeito de traduzir o Brasil para os brasileiros, fez com que a antropologia, como disse Ruben Oliven, se tornasse popular. Esse era um sonho de Malinowski, que queria que a antropologia fosse muito mais popular do que era na época. Roberto fez isso no Brasil. Todo mundo, no Museu Nacional, no Programa de pós-graduação em Antropologia Social, foi influenciado por Roberto: os de direita (nem havia muita direita), os de centro, os de esquerda, os que estudavam camponeses e os que estudavam trabalhadores urbanos: todos foram contaminados por essa forma de fazer pesquisa e de pensar o outro.

Segui meu orientador não só como orientador, mas como um grande amigo, o que se tornou motivo de grande alegria até hoje. Ao longo da minha trajetória no Museu Nacional, tendo DaMatta como orientador, eu passava minhas horas de orientação na sala dele, que ficava em frente à secretaria, naquele museu cercado por armários com ossos, e também vísceras em formol. Aquele prédio formou uma geração; tem um significado enorme na história do Brasil: foi ali a residência de Dom João VI, quando o Rio de Janeiro se tornou capital do Império. Não era pouca

coisa. E ali construímos, juntos, um *ethos* acadêmico no qual Roberto teve grande participação.

Eu, muito jovem e ainda pouco versada na própria antropologia, segui os conselhos de Roberto ao estudar um tema então considerado pela antropologia brasileira: os cultos afro-brasileiros. Um dia cheguei em sua sala e disse: “Roberto, tenho que parar minha pesquisa, meu terreiro de umbanda acabou!”. E ele, com aquela força que tinha, respondeu imediatamente: “Não, Yvonne, agora é que sua pesquisa começa.” Essa foi uma chave de ouro que me fez escrever meu livro inaugural, *Guerra de Orixá: um Estudo de Ritual e Conflito* que fez certo sucesso. A primeira crítica dizia que era “um best-seller da antropologia”. Fiquei muito lisonjeada, mas não acredito muito nisso: apenas segui os passos do meu orientador, descrevendo um drama: o drama do nascimento, da vida e da morte de um terreiro.

Agradeço muito a Roberto duas coisas. A amizade, que não é fácil comigo, eu tinha uma família muito grande, e Roberto conviveu com essa família, era amigo de alguns de meus irmãos. E ele não fez apenas sua teoria sobre o Brasil. Só pôde fazer isso porque ama o Brasil, e não quer “consertar” o Brasil: quer entender seus dilemas, explorá-los, compreender por que estamos aqui. O antropólogo e o escritor, ao longo de tantas décadas de existência, não deixou de, ansiosamente como diz Peter, buscar entender o que nos une e nos engrandece, e o que nos separa e nos desgraça.

Jurei que não ia chorar, mas é impossível, porque nestes dias tenho pensado muito no que significa a amizade e a amizade de uma pessoa que, como os outros já disseram, cultiva isso. E, ao mesmo tempo, devo a ele minha formação e meus primeiros passos na antropologia.

Muito obrigada.

Maria Laura Cavalcanti

Lembrei de uma frase, só para fecharmos a mesa que li em algum dos livros de Roberto. Uma frase de Richard Morse, que, numa certa situação, se voltou para ele e disse: "O problema, Roberto, é que a gente gosta do Brasil." Acho que Yvonne trouxe um pouco disso em sua fala.

Quero agradecer muito a Simon, a Ruben, a Peter e a Yvonne.

Passo agora a palavra a nosso homenageado.